A EXPANSÃO DA OCUPAÇÃO EM 2007

Rosangela Cavaleri*

Conforme apontado em outra nota técnica desta edição, o nível ocupacional cresceu de forma apreciável no ano de 2007, com base nas informações da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Pnad/IBGE), e tendo por base nas definições de ocupação lá apresentadas.[1] Não obstante, este crescimento foi menos vigoroso que nos anos imediatamente anteriores e, pela primeira vez desde 2003, não ficou acima do crescimento da população em idade ativa (PIA). A presente nota visa examinar mais de perto esta questão, através da desagregação da ocupação total segundo a forma de inserção dos trabalhadores – postos de trabalho formais[2] e informais[3] –, bem como em termos de áreas metropolitanas e não-metropolitanas, de forma a possibilitar uma noção mais precisa do comportamento de cada contingente e de seu efeito na ocupação total.

Ao avaliar os dados no plano nacional, um dos principais, se não o principal fato que chama atenção é o movimento de expansão que abrange a categoria de trabalhadores considerados formais. Em 2007 o emprego formal foi o carro-chefe do crescimento da ocupação, sendo que a variação absoluta dos postos de trabalho formais foi superior à da ocupação total – variação positiva de 2,11 milhões de trabalhadores contra 1,65 milhão, respectivamente. A razão de ser desta dissimilaridade reside na quase estagnação do emprego informal – variação positiva de apenas 0,2% – e na forte queda do número de empregadores.[4]

As taxas de crescimento apresentadas na tabela 1 mostram que o ritmo de expansão do nível de ocupação total para as regiões metropolitanas (RMs) foi mais acentuado do que nas regiões não-metropolitanas (RNMs) – 3,5% e 1,2%, respectivamente. Isto significa, em termos absolutos, um crescimento líquido equivalente a 0,93 milhão de trabalhadores nas metrópoles, superando em 0,21 milhão de novos postos de trabalho quando comparado com a criação do mesmo para as RNMs.

A tabela 1 também mostra movimentos de natureza distinta para as variações do número de postos de trabalho formais e informais quando se coteja o Brasil metropolitano com o não-metropolitano. As metrópoles experimentaram grande expansão tanto do emprego formal como informal em 2007 – 5,7% e 2,9%, respectivamente –, o que se traduz em 0,79 e 0,33 milhão de trabalhadores a mais, na ordem. Nas RNMs, por sua vez, a vigorosa expansão do emprego formal (6,0%) é acompanhada de uma contração do informal de 0,8%. Isto corresponde a um incremento de 1,31 milhão de trabalhadores e um decréscimo de 0,25 milhão, respectivamente.

---

* Bolsista do Programa de Pesquisa para o Desenvolvimento Nacional (PNPD).

1. Ver a nota "Pnad 2007: o estado do mercado de trabalho brasileiro", ao início deste volume.

2. Emprego formal: é classificado como a soma dos empregados com carteira assinada, dos militares e dos estatutários.

3. Emprego informal: é classificado como a soma dos empregados sem carteira assinada, os denominados conta-própria e os não remunerados.

4. Cabe ressaltar neste caso que a diferença é explicada pela queda acentuada dos trabalhadores denominados "empregadores" – recuo de 0,55 milhão na comparação anual.

TABELA 1
Taxa de crescimento da ocupação em 2007
(Em %)

2006 – 2007	Total	Metropolitano	Não-Metropolitano
Ocupação total	2,0	3,5	1,3
Emprego formal	5,9	5,7	6,0
Emprego informal	0,2	2,9	–0,8

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Pnad.

Pode-se afirmar, assim, que o emprego informal ficou praticamente estável em decorrência da sua queda nas regiões não-metropolitanas, enquanto o dinamismo do emprego formal foi resultado de um desempenho bom e equilibrado dentro e fora das metrópoles. Particularidades associadas a esta assimetria serão investigadas a seguir, nos recortes por setores de atividade e por grau de escolaridade, apresentados nas tabelas 2 e 3, no final do texto.

A tabela 2 apresenta uma partição por segmentos de atividade econômica, que por estar mais diretamente associada à natureza do processo econômico, revela-se particularmente interessante. Ali se observa, por um lado, que os setores de transportes, indústria e comércio foram os grandes responsáveis, em termos absolutos, pelo crescimento da ocupação em nível nacional, tanto na geração de empregos formais como informais. Por outro lado, na contramão deste movimento de crescimento, encontra-se o setor de agricultura, o qual apresentou uma redução no total de trabalhadores no período – redução de 0,61 milhão, sendo esta totalmente explicada pelo emprego informal.

Para as RMs vale ressaltar os setores de administração pública e agricultura, que demonstraram um recuo de -1,3% e -5,2%, respectivamente. Em ambos os casos esta queda se deu tanto no emprego formal como no informal. Para os demais setores, contudo, o que se encontra é um cenário totalmente oposto: crescimento em ambas as categorias, com destaque para os setores de transportes (9,8%), comércio (5,1%) e construção (3,7%), que obtiveram crescimento superior à média total da região, e ainda apresentaram as maiores taxas para o emprego formal e informal no período.

No caso das RNMs, o comportamento é um pouco diferenciado daquele para as metrópoles, principalmente no tocante ao emprego informal. Dentro destas áreas de abrangência, apenas o setor de agricultura apresentou queda na comparação anual (5,1%), e este recuo deveu-se exclusivamente ao emprego informal. Ao comparar-se o crescimento dos demais setores de atividade com a média de todas as atividades para as regiões, verifica-se que tão-somente os setores de outras atividades e serviços apresentaram crescimento inferior à média.[5] Ao desagregar esta região segundo emprego formal e informal, encontra-se como resultado um crescimento para todos os segmentos na categoria de emprego formal, com destaque para os setores de construção (11,6%), transportes (11,0%) e indústria (8,2%). Porém, para os empregos considerados informais observa-se uma redução de 6,0% no setor de agricultura, de 2,2% na administração pública, e de 0,6% em serviços.

Por fim, na tabela 3 verificam-se alguns elementos para identificar mudanças na estrutura dos postos de trabalho segundo a escolaridade dos trabalhadores. O recorte educacional permite confirmar a crescente exigência de qualificação para o ingresso no mercado de trabalho. Vale salientar que no quadro do emprego total os dois grupos com menos de 8 anos de estudos completos sofreram reduções no período. Ao abrir o recorte da população ocupada com menos de 8 anos de estudo, pode-se verificar que nas RMs houve redução tanto do emprego

5. A taxa de crescimento Total para as regiões não-metropolitanas na comparação de 2007 e 2006 foi de 1,3%.

formal quanto do informal. Ao examinar o mesmo recorte para as RNMs, contudo, houve acréscimo apenas no que tange ao emprego formal. O panorama é bem distinto no que diz respeito ao contingente que tem pelo menos o ensino fundamental completo. Não só os dois grupos pertencentes a esta categoria cresceram, como a expansão foi mais enviesada a favor daqueles que contam com pelo menos o ensino médio completo. O conjunto destes trabalhadores com o grau mais elevado de escolaridade (no Brasil) que possui vínculo formal cresceu 8,2% no ano de 2007 em comparação com o ano anterior, o que corresponde a um acréscimo de 1,63 milhão de trabalhadores.

Em se tratando de variações relativas, os trabalhadores com no mínimo 8 anos de estudo aumentaram sua participação na ocupação total em 2,4 p. p. na comparação anual, sendo quase dois terços deste crescimento de responsabilidade do grupo mais escolarizado (11 anos ou mais de estudo), que passa a responder por 41,5% do total de trabalhadores.

A partir dos dados aqui apresentados, fica claro que a desaceleração no ritmo de crescimento ocupacional brasileiro foi significativamente influenciada pela brusca queda do número de empregados informais no setor de agricultura localizado nas áreas não-metropolitanas. Em particular, este tipo de inserção no setor agrícola declinou muito e respondeu pelo encolhimento da agricultura como um todo. Um simples exercício contrafactual pode demonstrar que, se a ocupação no setor de agricultura em 2007 tivesse permanecido nos mesmos níveis de 2006, o crescimento da população ocupada no agregado teria sido de 2,7%.

Resta saber se esse fato pode também ter contribuído para a diminuição do emprego entre os menos escolarizados, visto que, novamente, a queda se dá de forma mais intensa neste grupo nas áreas não-metropolitanas e para os trabalhadores informais.

TABELA 2
População ocupada

			Adm. pública		Agricultura		Comércio		Construção		Indústria		Outras atividades		Serviços		Transportes	
	%	Absoluto	%	Absoluto	%	Absoluto	%	Absoluto	%	Absoluto	%	Absoluto	%	Absoluto	%	Absoluto	%	Absoluto
Brasil	#REF!	#REF!	1,2	51.037	-5,1	-608.119	3,8	589.510	4,5	251.272	5,3	678.643	1,6	160.171	1,2	228.984	7,5	301.553
Formal	#REF!	#REF!	2,0	70.220	5,4	84.440	7,3	444.549	9,9	138.296	7,4	581.335	6,0	297.792	2,8	240.712	10,5	215.713
Informal	#REF!	#REF!	-1,9	-18.546	-5,9	-588.098	3,9	313.014	3,8	153.211	3,8	170.279	0,2	6.592	0,1	5.148	4,8	88.872
Metropolitano	#REF!	#REF!	-1,3	-17.659	-5,2	-15.171	5,1	276.696	3,7	69.706	3,4	149.128	2,7	130.158	2,6	172.900	9,8	164.259
Formal	#REF!	#REF!	-1,3	-14.889	-13,1	-5.500	8,3	195.233	7,3	39.037	5,9	161.963	5,8	159.137	4,1	134.971	10,1	103.544
Informal	#REF!	#REF!	-1,0	-2.133	-4,2	-9.633	6,6	173.908	3,9	49.191	1,1	15.175	1,7	29.347	1,2	39.787	9,2	56.106
Não-Metropolitano	#REF!	#REF!	2,3	68.696	-5,1	-592.948	3,1	312.814	4,8	181.566	6,2	529.515	0,6	30.013	0,5	56.084	5,8	137.294
Formal	#REF!	#REF!	3,7	85.109	5,9	89.940	6,6	249.316	11,6	99.259	8,2	419.372	6,2	138.655	2,0	105.741	11,0	112.169
Informal	#REF!	#REF!	-2,2	-16.413	-6,0	-578.465	2,6	139.106	3,8	104.020	5,2	155.104	-1,0	-22.755	-0,6	-34.639	2,6	32.766

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Pnad 2006-2007.

Tabela 3
População ocupada por escolaridade

	Total		0-3		4-7		8-10		11 e +	
	%	Absoluto	%	Absoluto	%	Absoluto	%	Absoluto	%	Absoluto
Brasil	2,0	1.649.337	-2,1	-301.530	-3,7	-780.243	7,2	1.003.742	5,9	1.961.752
Formal	5,9	2.110.896	2,5	77.313	-0,5	-30.771	7,2	430.445	8,2	1.634.548
Informal	0,2	88.170	-2,7	-300.455	-4,4	-622.751	5,3	410.788	5,8	632.974
Metropolitano	3,5	932.016	2,4	58.549	-2,8	-156.850	9,0	423.235	5,0	684.604
Formal	5,7	792.683	-1,2	-9.623	-2,1	-46.095	9,2	203.131	7,4	647.232
Informal	2,9	334.560	5,5	86.877	-2,7	-88.573	7,5	179.216	4,2	181.664
Não-Metropolitano	1,3	717.321	-3,1	-360.079	-4,0	-623.393	6,3	580.507	6,6	1.277.148
Formal	6,0	1.318.213	3,8	86.936	0,3	15.324	6,1	227.314	8,7	987.316
Informal	-0,8	-246.390	-4,1	-387.332	-5,0	-534.178	4,3	231.572	6,9	451.310

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Pnad 2006-2007.